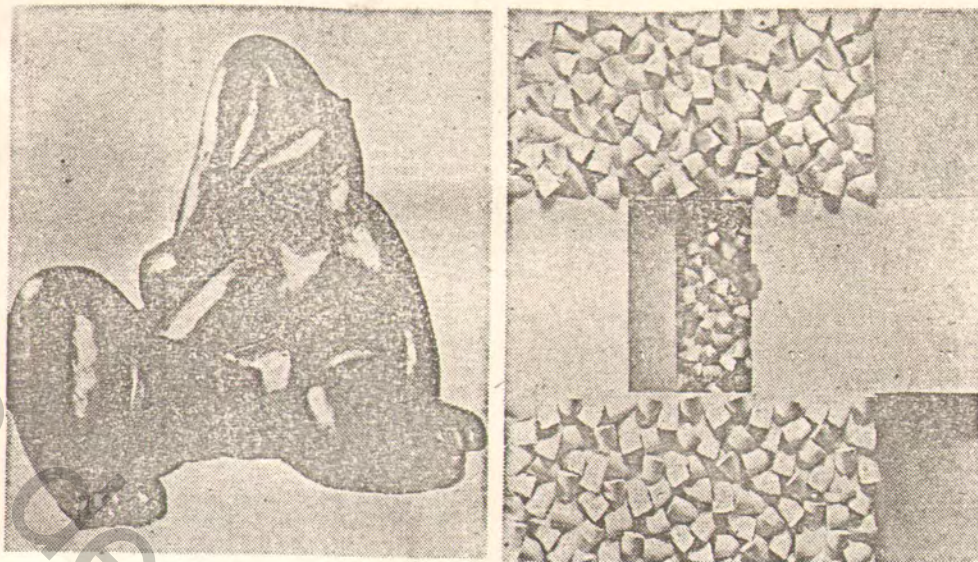


12 — O ESTADO DE S. PAULO



Em dois locais, o artista apresenta um conjunto de relevos e esculturas

## Sérgio Camargo no MAM do Rio

Com a mesma originalidade na utilização da luz e da forma que o consagrou, Sérgio Camargo volta a expor no Brasil apresentando um conjunto de 100 relevos e esculturas, em madeira e mármore, todos dotados de uma interessante estruturação de espaço que acaba por integrar o espectador à obra.

Os trabalhos estão expostos em dois locais no Rio — no Museu de Arte Moderna e na Galeria Luiz Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt, rua das Palmeiras, 19 —, onde podem ser vistos de segunda a sexta-feira das 14 às 22 horas e aos sábados e domingos das 15 às 19 horas, até o próximo dia 15.

Com um currículo no qual se incluem, entre outros, o Prêmio Internacional de Escultura na III Bienal de Paris, realizada em 1963, e uma sala especial na Bienal de Veneza, em 1966, Sérgio Camargo está radicado há 10 anos na capital francesa, onde desenvolve um trabalho ao nível do Le Parc, Cruz-Diez, Soto e outros latino-americanos de vivência européia e integrados, como ele, no circuito internacional da arte.

Entretanto, Sérgio Camargo destaca-se destes artistas por vários fatores, especialmente pela surpreendente capacidade de não limitar seu trabalho a um exercício insistente de variações sobre o mesmo tema e material, apresentando ao contrário, em seus relevos, acúmulos de módulos de madeira que sugerem e possibilitam as mais

distintas leituras. Tudo porque domina como poucos a utilização da luz em um trabalho plástico, forçando a que a idéia e não a forma seja o fio condutor de sua obra.

Inserido na mais evidente tradição construtivista de um determinado setor da arte latino-americana, Sérgio Camargo afirma que só a variabilidade modular lhe interessa. Seus relevos e esculturas derivam sempre dos mesmos módulos, só que nas últimas são mais compridos, cortados ao meio, lançados ao espaço e invertidos, fazendo com que a tradição construtivista em que se situa não seja a dos racionalistas, defensores de uma arte de formas puras, rigorosamente geométrica. A sua arte é dialética, contrapondo ordem e desordem, carência e excesso de formas, tudo obrigando à mobilidade do espectador — no que quebra também o esquema formal de contemplação de uma obra de arte.

Esse movimento não permite, contudo, confundir-lo com um artista cinético — fato que também não admite —, pois tudo em sua obra depende da luz. É esta que lhe revela a estrutura pretendida. Por isso, quando trabalha com a madeira, pinta-a de branco, procurando evitar o efeito do material; quando utiliza o mármore, corta-o com máquinas, o que lhe permite revelar o peso e a densidade de cada estrutura. Tais recursos e originalidades só conduzem a uma conclusão: Sérgio Camargo é, antes de tudo, um artista do conceito, da idéia, nunca do material.